

COSERIU E A LINGÜÍSTICA DO TEXTO

Carlos Eduardo Falcão Uchôa
UFF

Esto significa que toda la lingüística ha sido siempre, y es, lingüística del hablar y que, en realidad, no hay otra lingüística. También la “lingüística de las lenguas” (lingüística histórica) es una lingüística del hablar, pues las lenguas *se hablan* o *se han hablado*. La “lengua” es concretamente *un modo histórico del hablar*.

(Cosériu)

1. Cosériu, o lingüista teórico

Com o falecimento de Eugenio Cosériu, perdeu a lingüística contemporânea um dos seus cultores mais lúcidos e instigantes. Sua obra, das mais densas, extensas e abrangentes no quadro dos estudos do fenômeno lingüístico no século XX, tem, desde o início de sua atividade acadêmica, a marca de um grande pensador, que irá construindo, ao longo de cinquenta anos, com base em segura formação, haurida na leitura de grandes teóricos da filosofia e da linguagem, desde os gregos, um corpo doutrinário caracterizado por rara unidade de coerência teórica.

Na verdade, destaque-se, antes, em Cosériu, o autor de ensaios fundamentais de teoria e metodologia lingüística, que alcançaram, muitos deles, repercussão internacional, tornando-se patrimônio de toda a lingüística, a começar pelo célebre *Sistema, norma y habla*, publicado pela primeira vez em 1952, em Montevideu, seu primeiro texto de maior densidade doutrinária e projeção. O pioneirismo deste ensaio é focalizado por numerosos lingüistas de várias nacionalidades. Entre nós, Mattos e Silva (1995:23), entre tantos outros, sinaliza para o grande mérito do ensaio:

... é a primeira proposta teórica desenvolvida para introduzir a *norma* nas preocupações da lingüística descritiva, que então se desenvolvia, a contrapor-se, portanto, à concepção tradicional em que a norma se confunde com a prescrição gramatical, fundada não no *ser* da língua, mas no *dever ser*, para usar expressões de Cosériu.

As preocupações teóricas de Cosériu cobrem quase todo o campo da investigação lingüística: a fonética/fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semân-

tica, a lexicologia (criando aqui a disciplina a que chamou Lexemática) e o texto, a mudança e a variação lingüística, a tradução e a gramática contrastiva, a criação metafórica na linguagem e a linguagem poética..., revelando-se, com a exemplificação apresentada, um respeitável indo-europeísta e, sobretudo, um seguríssimo romanista.

É no campo teórico que Coseriu aponta para duas tendências redutoras, muito frequentes nas últimas décadas, no estudo lingüístico: a parcialização do saber, ou seja, a falta de uma visão abrangente dos vários saberes ou modos de focalizar o falar, e a dogmatização desta parcialização, quer dizer, tomar-se o que é apenas certo tipo de saber como o saber mesmo sobre o falar, como paradigma da ciência lingüística. O conhecimento, seguro e crítico, das principais direções da lingüística atual, que inclui as limitações intrínsecas de cada uma com respeito à totalidade do objeto estudado (o falar), leva o lingüista romano a insistir na complementariedade necessária dessas direções e, portanto, no reconhecimento da validade de cada uma delas. Assim, mostra o valor da contribuição de um Bloomfield ou de um Hjelmslev, por exemplo, para a história da lingüística, embora deles divergisse quanto a pressupostos teóricos sustentados. Para consubstanciar, então, tal complementariedade, ele insiste em que os lingüistas devem ter consciência dos objetivos e limites da direção que adotaram e, deste modo, renunciarem às pretensões de exclusividade do enfoque escolhido, para alcançarem a ampla (e esperada!) compreensão de que estudam o mesmo fenômeno “falar”, mas de diferentes planos e centros de interesse. Coseriu adota o estruturalismo funcional no estudo da língua (mais precisamente, no estudo do que ele chamou de “língua funcional”) e, pois, dos seus significados; tal orientação lingüística permanece com o seu lugar definido e assegurado no quadro das teorias sobre a linguagem. Não há, portanto, assinala o lingüista, como querer substituí-la pela lingüística gerativa, que tem a sua razão de ser como complemento e ampliação da lingüística anterior a ela (os estruturalismos), correspondendo já ao plano do falar universal e do designado.

Tal posição se coaduna com uma das facetas mais características do pensamento e da formação do lingüista de Tübingen: o procurado equilíbrio entre tradição e novidade (*Tradição e novidade na ciência da linguagem*, cuja edição espanhola é de 1976, vem a ser o nome de uma de suas obras, que reúne ensaios sobre estudiosos de várias nacionalidades e épocas). Idéias tomadas como novas, não seriam tanto, se fossem estudadas as suas origens, afirma e repete, com frequência, Coseriu. Não sem razão, pois, Coseriu, pelo seu amplo conhecimento e pela sua notável capacidade crítica, tornou-se um dos grandes mestres do nosso tempo da história das idéias lingüísticas. Em muitos de seus trabalhos, encontramos valiosos subsídios para a restituição de importantes nexos do pensamento lingüístico ao longo da história.

Coseriu, mente aristotélica, muito propensa ao trabalho analítico e à categorização, construiu uma teoria lingüística caracterizada, como já se assinalou, por rara coerência e, diga-se agora, por um inegável pioneirismo em alguns pontos básicos do seu corpo doutrinário. Deve-se destacar, além do conceito já aqui mencionado de *norma*, introduzido e desenvolvido por ele na lingüística estrutural: os fundamentos de uma lingüística integral, formulando um esquema geral em que alcança um conceito novo, amplo e de alto rendimento explicativo do que vem a ser competência lingüística; uma teoria e metodologia do estudo funcional do léxico, uma semântica estrutural (a Lexemática); considerações, com a marca da sua originalidade crítica, acerca do problema teórico da mudança lingüística e, como último destaque, o complexo problema das relações entre lógica e linguagem, entre lógica e gramática, em que se vale da solução aristotélica, de certo pouco conhecida entre os estudiosos da linguagem, a que ele apõe reflexões próprias, com base em sua sólida formação lingüística (este último ponto destacado mereceu um importante ensaio – *Lógica y language en Eugenio Coseriu*, de Antonio Vilamovo Caamaño – que integra a prestigiosíssima Biblioteca Románica Hispánica, da Editorial Gredos, 1993).

2. Coseriu e a dicotomia “langue” e “parole”

Nesta homenagem que se presta a Coseriu em *Confluência*, propus-me mostrar a sua importante contribuição ao estudo da lingüística do texto, disciplina que, situada no plano individual do falar, investiga a competência ou o saber textual.

O ponto de partida para Coseriu desenvolver a sua teoria sobre a competência lingüística, de que a competência textual faz parte, foi a fundamental dicotomia saussuriana “langue” e “parole”, dicotomia que mereceu dele, certamente, a mais acurada interpretação dela feita. O nosso lingüista demonstra, de maneira cabal, a sua insuficiência, com a ponderação, contudo, que leva a marca do intelectual que ele foi:

A nuestro entender, la ampliación o la reforma de una disciplina no debe justificarse negativamente, por la insuficiencia de esquemas que se han impuesto a su objeto, sino positivamente, por la realidad del objeto mismo. (1961:285)

Iniciador da lingüística moderna, Saussure, com o seu *Curso de lingüística geral*, continua irradiando a importância de suas elucubrações sobre a linguagem, mencionado por lingüistas de diferentes orientações teóricas. Cabia aos lingüistas seus sucessores interpretarem com rigor o seu pensamento, alte-

rando-o ou sugerindo-lhe desenvolvimentos. Decorridos quase 90 anos da publicação do *Curso*, poucos lingüistas terão cumprido tal tarefa, como leitor assíduo e perspicaz de Saussure, quanto Coseriu, que, em ensaio significativamente intitulado *O meu Saussure* (1997:35), explicita:

Com tudo isto, por certo, muito me afastei de Ferdinand de Saussure; cheguei até ao pólo oposto do Saussure do saussurianismo “ortodoxo” [entendido por Coseriu como repetição, confirmação e aplicação do dito por Saussure]; porém, conforme creio, também cheguei a isto em contato permanente com Saussure, e não sem Saussure e muito menos contra Saussure.

Barros e Bittencourt (2000:59), em artigo em que se propõem uma releitura de Saussure, coserianos que são, seguem a postura intelectual do mestre, ao concluir sobre o valor do magistral genebrino: “Afinal, as idéias de um autor se tornam relevantes não apenas pelo que ele diz, mas sobretudo pelo que faz os outros dizerem.”

Assim é que a exegese da dicotomia “langue” e “parole” propiciou a Coseriu a formulação de dois pontos fundamentais de sua teoria lingüística: o estabelecimento do conceito de *norma* na lingüística estrutural, introduzido como um outro nível abstrato na dicotomia, e a mudança radical de perspectiva e de extensão da competência lingüística em relação à teoria de Saussure, possibilitando-lhe assim o delineamento de *uma* lingüística do texto.

Saussure, ao separar a “langue” da “parole”, deixa muito claro que ele limita a competência lingüística à “langue”:

il faut se placer de primer abord sur le terrain de la langue et la prende pour norme de toutes les autres manifestations du language.
(1972:25)

E a seguir, conceituando “langue”, afirma Saussure:

Mais qu’est-ce que la langue? Pour nous, elle ne se confond pas avec le language; elle n’en est qu’une partie déterminée, essentielle, il est vrai. C’est à la fois un produit social de la faculté du language et un ensemble de conventions nécessaires, adoptées par le corps social pour permettre l’exercice de cette faculté chez les individus.

Então, a “langue”, para Saussure, é a parte essencial da linguagem, comum aos falantes de um grupo social. E a “parole”? Fica de fora do que é essencial na linguagem, mera execução da língua:

... le côté exécutif reste hors de cause, car l’exécution n’est jamais faite par la masse; elle est toujours individuelle, et l’individu en est toujours le maître; nous l’appellerons *la parole*. (1972:30)

E em continuação, explicita melhor a distinção entre “langue” e “parole”:

En séparant la langue de la parole, on separe du même coupe: 1^o ce qui est social de ce qui est individuel; 2^o ce qui est essentiel de ce qui est accessoire et plus on moins accidentel.

Logo adiante, caracteriza concludentemente a “parole”:

La parole est au contraire un acte individuel de volonté et d’intelligence, dans lequel il convient de distinguer: 1^o les combinaisons par lesquelles le sujet parlant utilise le code de la langue en vue d’exprimer sa pensée personnelle; 2^o le mécanisme psycho-physique qui lui permet d’extérioriser ces combinaisons.

Assim, a “parole” se apresenta como execução, realização da “langue”. Enquanto o regular se concentra na “langue”, a “parole”, ao contrário, é individual, secundária e mais ou menos casual. O falante tem a liberdade de combinar os fatos da “langue” em um ato de vontade e inteligência.

Os fatos da “langue” e os fatos da “parole” são, na teoria de Saussure, totalmente diferentes:

L’étude de langage comporte donc deux parties: l’une, essentielle, a pour objet la langue, qui est sociale dans son essence et indépendante de l’individu; cette étude est uniquement psychique; l’autre, secondaire, a pour objet la partie individuelle du langage, c’est-à-dire la parole y compris la phonation: elle est psycho-physique. (1972:37)

E finaliza seu pensamento a respeito do objeto da Linguística:

On peut à la rigueur conserver le nom de linguistique à chacune de ces deux disciplines et parler d’une linguistique de la parole. Mais il ne faudra pas la confondre avec la linguistique proprement dite, celle dont la langue est l’unique objet. (1972:38)

Fica evidente, então, que, para Saussure, os fatos da “langue” e os fatos da “parole”, por se apresentarem tão distintos, necessitam, para serem estudados, de duas linguísticas: uma linguística da “langue” e uma linguística da “parole”, considerando, no entanto, a linguística propriamente dita a da “langue”. Em síntese, ele aceita a possibilidade de uma linguística da “parole”, mas longe está de fixar o seu objeto, que fica limitado apenas a normas genéricas de realização. Reforça, assim, a idéia de identificação da competência linguística e “langue”, pois nesta se tem o regular, o social, o modelo ou código que se realiza na fala. De modo que todo saber falar sujeito a regras é “langue”. A “parole”, ao contrário, não tem nada de regular, social, para Saussure; logo, não integraria a competência linguística.

Pode-se dizer que a lingüística moderna, entendida aqui como a saussuriana e a chomkyana, considera o falar quase que exclusivamente como a realização da língua. Evidentemente que estudos de textos sempre foram feitos, mas desde o ponto de vista da língua, como os dos textos literários, em que recursos sintáticos e formações léxicas inusitados são focalizados como infrações do sistema da língua, mais propriamente do que, com Coseriu, veio a se chamar ‘norma’ da língua. Portanto, ainda com Chomsky, a lingüística, e desde a historicista do século XIX, continuava a centrar o estudo da linguagem na língua.

3. Coseriu e o seu conceito de competência lingüística

Mas eis que surge Coseriu, que, já em 1955-1956, logo, antes da publicação da primeira obra de Chomsky, introduz uma mudança radical de perspectiva na lingüística, ao considerar o falar como medida de todas as manifestações da linguagem. Substituindo o termo “parole”, que, na verdade, para Saussure, era execução e também texto ou parte de um texto, vale dizer, produto (Coseriu, 1992:44), por *falar*, Coseriu põe em evidência a compreensão da linguagem – base de sua teoria lingüística - como atividade, como algo que se faz, e não como algo feito e acabado do estruturalismo saussuriano. Considera mesmo um erro estudar o falar desde a perspectiva da língua; ao contrário, defende ele, deve-se partir do falar:

no hay que explicar el hablar desde el punto de vista de la lengua, sino viceversa. Ello porque el lenguaje es concretamente hablar, actividad, y porque el hablar es más amplo que la lengua: mientras que la lengua se halla todo contenida en el hablar. En nuestra opinión, hay que invertir el conocido postulado de F. de Saussure: en lugar de colocarse en el terreno de la lengua, ‘hay que colocarse desde el primer momento en el terreno del hablar y tomarlo como norma de todas las otras manifestaciones del lenguaje’ (inclusive de la “lengua”). (1961:287-288)

Explicitando, um pouco adiante, este último ponto, “inclusive de la ‘lengua’”, pondera Coseriu:

Desde nuestro punto de vista, el estudio de la lengua es estudio de un aspecto del hablar, que no es abstrato ni externo al hablar mismo y que, naturalmente, es fundamental, pues el hablar es siempre histórico: es siempre “hablar una lengua”. (1961:288)

De modo que, com Coseriu, o objeto da lingüística deixa de ser apenas a língua e passa a ser a linguagem em todos os seus aspectos. Na verdade, o enten-

dimento da linguagem como atividade (energeia) nos conduz à tríade aristotélica, que Coseriu, confessadamente um aristotélico, adota, aplicando-a ao falar: uma atividade pode considerar-se: a) como tal (energeia); b) como atividade em potência, ou saber (dynamis); e c) como atividade realizada em seus produtos (ergon). Não se trata de três realidades distintas, mas de três aspectos, ou melhor, de três modos de considerar a mesma realidade. Considerados estes três modos de encarar a realidade “falar”, tem-se então: todo ato de fala, como atividade significativa e comunicativa, atualiza um saber lingüístico de que resulta sempre um produto, que são os textos. Por outro lado, Coseriu acentua que o falar é uma atividade *universal* que se realiza por indivíduos *particulares*, enquanto membros de comunidades *históricas*. Logo, o falar pode considerar-se em nível universal, em nível individual e em nível histórico. Alcança-se, então, a tricotomia primária em que se apresenta o falar como objeto de um estudo reflexivo: linguagem (nível universal), fala (nível individual) e língua (nível histórico). Está claro que a linguagem e a língua só têm autonomia teoricamente, no plano do entendimento, já que, no plano real, são indissociáveis da fala.

Vê-se, deste modo, que, com Coseriu, o conceito de competência se amplia consideravelmente, não se identificando sobretudo com o saber a língua: ele abarca o falar nos três modos de ele ser considerado (atividade/saber/produto) e nos três níveis de cada um deles (universal/histórico/individual), ou seja, linguagem, língua e fala. A lingüística, por sua vez, como corolário metodológico do reconhecimento da existência dos três níveis do falar, será lingüística do falar (nível universal), lingüística da língua (nível histórico) e lingüística da fala ou do discurso ou do texto (nível individual).

O estudo do nível individual da linguagem tem sido chamado de lingüística do discurso ou lingüística do texto, uma vez que o termo *fala* se presta, como há tanto tempo observou Mattoso Câmara, a uma associação, de todo equivocada, apenas com a língua falada. Discurso e texto, para Coseriu, são termos que correspondem a modos distintos de encarar a fala: discurso reporta-se ao falar como atividade, ao passo que texto se refere ao falar como atividade realizada em seus produtos, que dependem, evidentemente, como o discurso, de um saber especial. Como bem pondera Coseriu, sempre houve, na realidade, uma lingüística chamada do texto – como a estilística da escola idealista de K. Vossler e a de L. Spitzer, já no século XX – mas só, a partir dos anos 60, ela se desenvolveu com especial força, com diferentes pressupostos teóricos.

4. Coseriu e o estudo do texto

O estudo do nível individual da linguagem mereceu de Coseriu contínua reflexão, manifestada em diversos trabalhos seus. Escreveu mesmo uma *Lin-*

güística do texto (Textlinguistik), cuja 1ª edição é de 1980, em alemão, obra a que Marcuschi alude em algumas passagens de sua *Lingüística do texto: o que é e como se diz* (1983), publicação pioneira sobre o tema entre nós. Em trabalho mais recente, de 1988, com a edição espanhola de 1992, intitulado *Competência lingüística*, com o sugestivo subtítulo “elementos de la teoría del hablar”, porque traduz já o alcance amplo com que caracterizará a competência lingüística, Coseriu resume a sua teoria sobre a competência textual, objeto da lingüística do texto, estudo do plano lingüístico individual.

Apresento aqui alguns conceitos fundamentais, para Coseriu, acerca do texto, objeto de sua lingüística textual, com base neste último ensaio seu mencionado.

4.1 – O texto se situa no plano individual da linguagem, uma vez que é sempre um indivíduo que o produz (não é uma atividade coral) e em situações particulares. O texto ocorre, então, sempre em função de um contexto, a língua, não. Considere-se o caso de um texto constituído de uma única oração (“Por que você é tão fingido?”). Tal texto tem uma estrutura condizente com a gramática portuguesa, mas como oração, não como texto. O que possibilita uma oração funcionar como texto (ter função textual) é o contexto (no caso, situacional) em que ocorre, com o falante tendo um propósito comunicativo – no caso, o de uma reprimenda – na sua relação com o interlocutor, fato este já não mais relativo à língua.

4.2 – O ato lingüístico que produz textos (por isso, ato produtivo) aparece determinado por quatro fatores: falante, destinatário, objeto e situação, havendo normas concernentes a cada uma destas determinações do falar. Tome-se um texto escrito, por exemplo; nele também o seu autor pode dirigir-se a outra pessoa (numa carta) ou a uma categoria de pessoas (num jornal), valendo-se de normas distintas, conforme o destinatário, o objeto e a própria situação de comunicação. Mesmo para os textos jornalísticos, há normas diferentes, se se trata de um texto editorial ou de um texto que noticia e comente o resultado de uma partida de futebol, pois o objeto da mensagem será distinto, além de os leitores não serem provavelmente os mesmos.

4.3 – O texto constitui, pois, um plano autônomo da linguagem, diferente do plano da língua e do plano do falar em geral. As normas de constituição dos textos – normas com respeito aos determinadores do falar e normas para gêneros textuais –, que configuram um dado saber, chamado por Coseriu de saber expressivo, são bem distintas das normas de uma língua, do saber uma língua, denominado de saber idiomático pelo lingüista romeno. Um falante pode ter o domínio das regras concernentes à estruturação de uma língua e se mostrar

com pouca competência para organizar textos (sobretudo escritos) nesta língua. É o que acontece, por exemplo, em nosso ensino de língua materna, em que se constata, freqüentemente, em decorrência da própria orientação lingüístico-pedagógica adotada (o ensino da gramática pela gramática, centrado, pois, em normas idiomáticas), alunos revelarem o domínio de regras da chamada variedade padrão, através de exercícios objetivos, não discursivos, mas apresentarem deficiências sérias na estruturação de simples textos escritos.

Atribui-se, muitas vezes, hoje em dia, à lingüística do texto o estudo daquelas funções idiomáticas que vão além dos limites da frase, como a que exerce o papel de relacionar frases ou a que expressa procedimentos anafóricos, constituindo a análise de tais recursos o que, em geral, tem sido chamado de gramática transfrástica. Mas, como faz ver Coseriu, aqui não se trata do texto como um dos planos do falar, que se opõe ao da linguagem e ao da língua, e sim do texto como plano (possível) da estruturação gramatical das línguas. De sorte que, nestes casos, o estudo pertence à lingüística da língua, e não à do texto: trata-se de descrever uma língua no plano do texto (Coseriu, 1977:254), pois o âmbito da gramática não termina nos limites da frase.

4.4 – A lingüística do texto tem, então, para Coseriu, um duplo objetivo: estabelecer normas genéricas que configurem o que ele chamou de saber expressivo, segundo as quais os falantes emitem juízos de valor sobre o plano dos textos, e captar o conteúdo especial dos textos e comprovar como ele se expressa.

4.4.1 – Os falantes também emitem juízos sobre o plano dos textos. Ouve-se, com freqüência, frases como esta: “Não se fala assim com uma senhora.” O juízo, no caso, se refere ao fato de um texto não corresponder, considerado o destinatário, às expectativas como texto. Quando corresponder, diremos, segundo Coseriu, que o texto é adequado; se não corresponder, como no exemplo citado, diremos que é inadequado. As inadequações, com certeza, chamam mais a atenção do ouvinte.

Tais juízos sobre o texto são autônomos em relação aos emitidos sobre o plano do falar em geral e sobre o plano da língua, denominados, respectivamente, por Coseriu, de congruentes (quando a expressão lingüística estiver em conformidade com os princípios gerais do pensamento e com o conhecimento geral que se tem do mundo real) e corretos (quando a expressão lingüística estiver em conformidade com as regras da língua). Assim, um texto pode ser congruente e correto, mas não adequado a determinada situação. Se digo, por exemplo, numa fala acadêmica em que esteja apresentando idéias da teoria coseriana, “Minha gente, o Coseriu é uma parada”, para me reportar à comple-

xidade de sua doutrina lingüística, estarei sendo inadequado, com certeza: em princípio, não é esta a competência textual que de mim esperam nesta situação. Ao contrário, o texto pode ser adequado, embora seja incongruente ou incorreto. Numa frase como “O mudo que fala”, incongruente, é possível, em certo texto, em função da intencionalidade ou propósito do falante, anular tal incongruência (anulação metafórica), pela transposição do significado da língua para outra designação distinta da habitual: o mudo, por exemplo, que venha a manifestar-se (“falar”) através dos olhos. Já um exemplo típico de incorreção, lembrado por Coseriu, que os falantes consideram, no entanto, adequado a certos textos: quando se fala, às vezes, a própria língua com estrangeiros que não a conhecem. De fato, nesta situação, pode-se alterar a própria língua, porque os falantes pensam que, assim procedendo, serão melhor entendidos pelos estrangeiros; ouve-se, então, dizer: “Você amanhã vir a minha casa, depois sair jantar.” Esta anulação da incongruência e da correção só pode dar-se no plano do texto, quando a infração é intencional por parte de quem fala. O desconhecimento do que é congruente ou do que é correto, ao se falar, gera mesmo a incongruência ou a incorreção.

Como es natural, la anulación sólo tiene lugar cuando la infracción de la corrección o la congruencia es intencional, i.e. buscada o querida. Cuando alguien no sabe cómo es lo congruente o lo correcto y habla, sin intención, incorrecta o incongruente, siguen existiendo la incorrección o la incongruencia. Ahora bien, si son intencionales, siguen existiendo, pero no sólo son toleradas sino reconocidas precisamente como lo necesario. (1992:202 - 203)

A adequação, por ser o juízo dos falantes sobre os textos, produtos dos atos de fala, fica sendo o juízo que acaba prevalecendo em todo ato comunicativo, já que, como se viu, na dependência do intento do falante, incongruências e incorreções são até necessárias.

4.4.2 – Os textos, como plano da linguagem, têm também um conteúdo especial e autônomo, que Coseriu chama de sentido, opondo-o ao designado, do plano do falar em geral, e ao significado, do plano histórico da língua. Esta distinção do conteúdo do saber lingüístico, nos três planos da teoria coseriana, além de notável coerência com o esquema de competência lingüística desenvolvido pelo lingüista romeno, é fundamental, dado o caráter semântico da linguagem. É através do sentido que o falante, em cada situação, expressa atitudes, opiniões ou intenções. No dia-a-dia, as pessoas deixam de entender, tantas vezes, o que se diz precisamente, porque não apreendem o sentido dos textos. Daí ser freqüente a indagação “o que você está querendo dizer?” Um simples “você é muito prestativo”, proferido por alguém em certa situação,

pode gerar dúvida no ouvinte: “o falante estará sendo irônico comigo?”, caso em que “prestativo” significará, ou seja, terá o sentido exatamente contrário ao do seu significado (plano da língua). Num enunciado com propósito pilhérico, em que se fale “Lá vem o gordinho”, para se reportar a uma pessoa muito magra, pode-se perceber, com mais clareza, que a distinção entre o significado e o sentido é imprescindível. Na linguagem literária, caracterizada por um elaborado intento estético, a noção de sentido adquire relevância essencial para a compreensão do texto literário.

O estudo da tradução, campo de investigação lingüística tão importante, é um dos objetos da lingüística do texto, e não da lingüística das línguas. Só se traduzem, na verdade, textos: este é o princípio básico de que depende qualquer teoria da tradução. Nela, deve-se expressar um mesmo conteúdo textual (ou seja, o sentido) em línguas diferentes. Uma oração como “Bons sonhos te embalem!”, que manifesta a função textual de desejo, através da categoria idiomática do subjuntivo, ao ser traduzida para uma outra língua, deve ter este sentido mantido, não importa se através ou não da mesma categoria idiomática do português, em que valores textuais outros ou sentidos diversos – conselho, ordem, convite.... – podem atualizar-se nos textos, na dependência dos contextos.

Muito se teria ainda a desenvolver acerca da lingüística do texto, com base na teoria coseriana sobre competência lingüística. Creio, contudo, que ela ficou delineada em seus conceitos fundamentais.

5. Concluindo

Desejo, por fim, explicitar, neste texto em homenagem a Coseriu, por que a ideologia lingüística dele exerceu tão forte influência sobre a minha formação. Vejo Eugenio Coseriu como um pensador atilado, como um intelectual dos mais bem dotados que conheci, como um humanista para quem a linguagem, e soube mostrar tal verdade como poucos, é fundamental para a definição do homem – “El hombre vive en un mundo lingüístico que crea él mismo como ser histórico” (1977:32) –, e como um lingüista que formulou uma teoria consistente e abrangente do fenômeno lingüístico e que também deteve um conhecimento invejável sobre a história das idéias lingüísticas, desde os gregos até seus contemporâneos. Esta última condição propiciou-lhe, em ensaio dos anos 70 (1977), a expectativa de um desenvolvimento provável da ciência lingüística em alguns campos, como o da sociolingüística, o da lingüística do texto e o da lingüística aplicada. Considerava ainda provável um aumento essencial do interesse pelos estudos diacrônicos e uma intensificação das relações da lingüística com a lógica, a psicologia, a sociologia, a etnologia, a história políti-

ca, social e cultural. Hoje, decorridos quase trinta anos do seu ensaio, não há como negar o acerto de suas expectativas.

Em seu lúcido e, como sempre, bem fundamentado texto “El lenguaje y la comprensión de la existencia del hombre actual” (1977:64), Coseriu traduz o seu pensamento conclusivo sobre a linguagem:

Como actividade livre, es, asimismo, el primer fenómeno de la libertad del hombre. Como actividade intersubjectiva, es la base de lo social y la forma fundamental de la historicidad del hombre, por lo cual es también instrumento de comunicación y instrumento de la vida práctica. Y como aprehensión del mundo, es supuesto y condición de la interpretación del mundo.

Referências bibliográficas

- BARROS, Luis M.; BITTENCOURT, Terezinha. Da unicidade do sistema à heterogeneidade do discurso: uma releitura de Saussure. In: *Cadernos de Letras da UFF*. Niterói: Instituto de Letras da UFF, n° 20, 2° semestre/2000, p. 45-60.
- CAAMAÑO, Antonio Vilarnovo. *Lógica y lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid: Gredos, 1993.
- COSERIU, Eugenio. Determinación y entorno: dos problemas de una lingüística del hablar. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1961.
- _____. *Sincronía, diacronía e história: el problema del cambio lingüístico*. Madrid: Gredos, 1973.
- _____. *El hombre y su lenguaje: estudos de teoría y metodología lingüística*. Madrid: Gredos, 1977.
- _____. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- _____. *Competência lingüística: elementos de la teoría del hablar*. Madrid: Gredos, 1992.
- _____. O meu Saussure: In: *Confluência* (revista do Instituto de Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n° 14, 2° semestre de 1997, p.33-36
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Lingüística do texto: o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Contradições no ensino de português*. São Paulo: Contexto; Salvador, BA: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1995.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972.